

PROJETO ACADEMIA DA ESCRITA: ANÁLISE DOS IMPACTOS DE UM GRUPO DE RESPONSABILIZAÇÃO E SUPORTE À ESCRITA ACADÊMICA

PATRÍCIA MATTEI¹; JULIANA MARQUES DE FARIAS²; MÁRCIA ALVES DA SILVA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – patymattei@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – teacherjulianafarias@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – profa.marciaalves@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

“Escrever é arriscar-se” (DINIZ, 2024, p. 147). Quando falamos da escrita acadêmica na pós-graduação, esses riscos aliam-se a diversas responsabilidades, e o tempo, tão escasso na nossa contemporaneidade atribulada, *escorre pelas mãos*. Assim, dividir-se entre vida pessoal e leituras, a produção de artigos para as disciplinas e para periódicos científicos (preferencialmente em revistas de alto impacto), tudo o que envolve nossas dissertações e teses, a participação e organização de eventos, a contribuição em comissões diversas - só para citar algumas responsabilidades - podem gerar uma sobrecarga mental significativa. Everton Garcia da Costa e Letícia Nebel (2018) demonstraram que, em um universo de quase três mil estudantes de pós-graduação, 74% sofrem de ansiedade e 25% com depressão, percentuais muito acima da média geral da população brasileira (5,8% e 9,3% à época, respectivamente). Dentre os fatores associados a esse sofrimento estão a instabilidade financeira dos estudantes bolsistas, o encurtamento dos prazos para a titulação (que impacta na avaliação de cursos pela CAPES e pode implicar maior aporte de recursos, mas também maior cobrança) e o isolamento/falta de interlocução.

Sobre este último aspecto, os autores argumentam que, após a conclusão das disciplinas, em que se mantém uma relação mais próxima com as/os colegas, o percurso pode tornar-se bastante solitário, e a falta de diálogo sobre problemas teórico-metodológicos podem somar-se e agudizar o sofrimento. Neste sentido, enquanto doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), nós também temos experienciado este sentimento. Desta inquietação surgiu a ideia de nos unirmos para escrever em companhia, de maneira a aplacar a solidão e fortalecer o compromisso individual com nossas escritas. Uma de nós já havia participado de um grupo de suporte à escrita, o Academic Writing Club (THE PHD PLACE, 2024). Estes grupos de apoio mútuo, classificados como Writing Accountability/Support Groups (WAG ou WSG) são, em certa medida, bem difundidos em universidades estrangeiras. Basicamente, são sessões - presenciais ou virtuais – autogeridas, realizadas de maneira regular, com um tempo específico e com o foco no compromisso individual com o processo de escrita (ao invés do conteúdo ou do produto final). Não se trata de cursos ou oficinas sobre escrita acadêmica, mas sim um espaço respeitoso e tranquilo para que cada indivíduo consiga cumprir seu objetivo de escrita (SKARUPSKI; FOUCHER, 2018; BOURGAULT *et al.*, 2022).

Baseadas nestas experiências, criamos um grupo de responsabilização e suporte, denominado “Academia da Escrita”, que foi lançado nas redes sociais e em grupos acadêmicos de mensagens instantâneas em agosto de 2023, com início em setembro do mesmo ano. Os encontros se estenderam até dezembro de 2023; retornaram em abril de 2024 e seguem ocorrendo, todas as segundas-feiras, das

14 às 16 horas. Ao preencher o formulário de inscrição disponível no *Instagram* do Projeto, a/o participante recebe, em seu *e-mail*, um *link* de acesso a uma sala de videoconferência do *Google Meet*, ambiente em que ocorrem os encontros. Depois de um ano de Academia da Escrita, nosso objetivo é compreender os principais motivos que levaram as/os participantes a se inscreverem no projeto, e analisar se suas expectativas foram atendidas com a proposta.

2. METODOLOGIA

A estrutura dos encontros conta com 15 minutos iniciais de acolhimento às/aos participantes e de compartilhamento dos objetivos de escrita para aquela sessão, verbalmente ou através do *chat*. O primeiro bloco de escrita tem duração de 45 minutos, em que cada participante se dedica ao objetivo proposto; é sinalizado um intervalo de 10 minutos e então retorna-se para o segundo bloco de escrita, de mais 45 minutos, sempre em silêncio. Nos cinco minutos finais é feito o encerramento, com o compartilhamento dos resultados do dia. O controle do tempo de cada etapa é realizado por nós, organizadoras, e o compartilhamento dos objetivos de escrita, oralmente ou pelo *chat* são facultados às/os participantes, bem como a abertura da câmera.

A quantidade de participantes em cada encontro é variável, mas situa-se em uma média de quatro a seis. De um universo de 28 pessoas inscritas ao longo da execução do Projeto, foram selecionadas duas participantes para a realização de entrevistas semiestruturadas: Ediane, que fez parte do grupo em 2023 e Sílvia, que iniciou sua participação no ano de 2024. A utilização desta técnica de produção de dados apresenta como vantagens a reconstrução de experiências já vivenciadas, de maneira a compreender como elas impactam em suas ações do presente, bem como a percepção de suas crenças, sentimentos e valores (GIL, 2021), estando, portanto, alinhada ao objetivo desta pesquisa. Como metodologia de análise dos dados, utilizou-se a análise temática, sem categorias definidas *a priori*. Este tipo de análise permite compreender como os dados se relacionam com o contexto sociocultural das participantes e pode fornecer dados valiosos para intervenções práticas, dentro destes contextos (SOUZA, 2019). As duas entrevistadas optaram pelo uso de seus nomes reais, e suas participações na pesquisa ficaram condicionadas à leitura e aceitação do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), sendo respeitados todos os aspectos éticos e legais envolvendo pesquisa com seres humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ediane é técnica administrativa da UFPel e Mestra em Antropologia pela mesma instituição, tendo participado do projeto no período de escrita de sua dissertação. Sílvia, também técnica administrativa, é doutoranda em Educação, ambas na UFPel. Anterior ao início dos encontros, no formulário de inscrição, questionamos quais eram as expectativas delas em relação ao projeto. Nas entrevistas, Sílvia e Ediane puderam aprofundar esta questão, descrevendo os principais desafios na escrita e o que as levaram a participar do projeto. Após a transcrição e análise das duas entrevistas, emergiram algumas categorias; selecionamos duas para este recorte: organização e procrastinação¹.

¹ Ainda que soem como sinônimos em alguns momentos, optamos por apresentá-las como categorias distintas.

Dentro da categoria organização, Sílvia relata que “[...] *embora a gente tenha tempo [...] é difícil administrar o tempo (sic), entre as outras atividades que a gente também tem*”. Para ela, que também procurou o projeto em virtude da escrita ser uma tarefa muito solitária, momentos como o das enchentes e das fortes chuvas que vêm atingindo o Rio Grande do Sul neste ano também impactam profundamente na escrita: “[...] *eu deveria estar me dedicando exclusivamente para minha tese mas não tô (sic) porque eu não consigo me desvincular né, do resto*”. Para Ediane, uma das principais dificuldades está relacionada ao prazo muito longo para a entrega do texto. Ela relata que depois do término do compromisso com as disciplinas, o foco passou a ser a escrita da dissertação, e o prazo parecia algo muito distante, sendo que a falta de metas semanais prejudicou a organização do tempo para a escrita.

De fato, a escrita de uma dissertação ou de uma tese é, como afirma Débora Diniz (2024), uma experiência de planejamento complexo e solitário: é um trabalho a ser feito sistematicamente, dia após dia, mas que será materializado em um futuro distante. Assim, fica fácil “[...] perder-se na imensidão do futuro, ainda mais com tantas necessidades ou atrações do instante” (DINIZ, 2024, p. 114). Neste sentido, a organização e o planejamento de como o tempo deve ser investido nas nossas escritas se torna algo crucial para o bom andamento de nossas pesquisas, não somente em relação ao cumprimento dos prazos, mas também em relação ao bem estar mental. As duas entrevistadas relatam que o projeto serviu para que pudessem organizar seu tempo para estarem dedicadas ao projeto, ao menos nestas duas horas, e que em boa parte dos encontros foram produtivas e conseguiram alcançar os objetivos a que se propuseram. A palavra “determinante” foi utilizada por Ediane para referir-se à quanto o projeto auxiliou em sua organização.

A experiência de 71 WAGs, ocorridos entre 2013 e 2018, é apresentada e discutida por Kimberly Skarupski e Kharma Foucher (2018). Com uma estrutura próxima à que aplicamos, os resultados são semelhantes aos reportados por nossas entrevistadas. As pesquisadoras demonstram que as/os participantes se tornaram mais engajadas em suas escritas ao longo de sua participação no grupo, bem como apresentaram uma tendência da manutenção do hábito de escrever, mesmo quando não participavam mais das sessões. Foi o que ocorreu com Ediane, que relata que mesmo durante o período em que o projeto não esteve ativo (janeiro a março de 2024), conseguiu dedicar-se à escrita por pelo menos uma hora, todos os dias, evidenciando a criação de um hábito de escrita. Assim, parece-nos acertado afirmar que proporcionar esse espaço dentro do ambiente acadêmico ajuda a transformar nossa relação com a escrita. Com uma organização do tempo eficiente, o fluxo de trabalho torna-se menos estressante, pois cria-se uma constância, que se reflete em hábito.

Em nossa análise, incluímos as dificuldades de “[...] *engrenar na escrita*” (Ediane) e de iniciar e permanecer focada na tarefa da escrita (Sílvia) na categoria procrastinação. Para Débora Diniz, procrastinar “[...] é uma dificuldade de se organizar no tempo disponível de vida” (DINIZ, 2024, p. 129); não está relacionado necessariamente à preguiça, mas sim com inércia, com desorganização que leva à culpa, à vergonha e ao imobilismo para iniciar. Desta forma, para nossas entrevistadas, o compromisso - consigo e/ou com o grupo - foi importante para afastar-se da imobilidade e, conseqüentemente, da procrastinação. Sílvia relata que ter um dia específico e o limite das duas horas foi importante, pois “[...] *me proponho e faço porque tô (sic) ali junto com as pessoas, tô (sic) comprometida com aquilo*”, ressaltando também o sentimento de pertença a um grupo que

compartilha das mesmas angústias como um ponto positivo. Já Ediane evidencia o aspecto do compromisso consigo mesma, relatando que a organização do tempo e do dia específicos a fez “[...] *deslanchar a escrita*”:

eu tinha aquele horário certo que eu tinha que produzir um tanto, né, toda segunda-feira naquele horário, e isso fez até deslanchar a escrita depois né, que aí a partir disso eu consegui até, é, escrevi um capítulo inteiro no Academia, e depois eu consegui é... começar a pinçar coisas pros capítulos que vinham depois, né, que realmente fez deslanchar o trabalho da escrita.

4. CONCLUSÕES

A experiência de gestão desta iniciativa, ao mesmo tempo em que atuamos como participantes comuns do projeto, nos proporcionou a compreensão de que o grupo foi além do suporte à escrita acadêmica. Entendemos, por meio de nossa experiência e pelos depoimentos de Sílvia e Ediane, que participar do grupo auxiliou tanto na organização do tempo e na superação da procrastinação quanto no fortalecimento do compromisso individual com nossas produções, através de um ambiente acolhedor, de apoio mútuo e que auxiliou na atenuação do isolamento e da solidão. O formato adotado favoreceu a constância na escrita, mesmo após as sessões, impactando de forma positiva a produtividade e o bem-estar mental das participantes. Por fim, este espaço, que é ao mesmo tempo voltado à individualidade e ao coletivo, nos encoraja a refletir sobre nossa própria jornada, tanto como escritoras quanto como pesquisadoras, em que a organização pessoal e a autonomia são características valiosas, capacitando-nos em nossas trajetórias acadêmicas e pessoais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURGAULT, A.M.; GALURA, S.J.; KINCHEN, E.V.; PEACH, B.C. Faculty writing accountability groups: A protocol for traditional and virtual settings. **Journal of Professional Nursing**, Washington, D.C., n. 38, p.97-103, 2022.

COSTA, E.G.; NEBEL, L. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. *Polis*, Santiago (Chile), v. 50, p. 1-19, 2018.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora: sobre pesquisa e escrita acadêmica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

GIL, A.C. **Como fazer pesquisa qualitativa**. São Paulo: Atlas, 2021.

THE PHD PLACE. **Academic Writing Club**. Londres. Disponível em <https://thephdplace.com/writing-groups/> Acesso em 5 out. 2024.

SKARUPSKI, K.A.; FOUCHER, K.C. Writing accountability groups (WAGs): a tool to help junior faculty members build sustainable writing habits. **The Journal of Faculty Development**, Oklahoma, v. 32, n. 3, p. 1-8, 2018.

SOUZA, L. K. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2018.